

DOS POBRES AO PAPA DO PAPA AO MUNDO

Conversas sinceras
com o Papa Francisco

AMOSTRA

PAPA FRANCISCO

**DOS POBRES AO PAPA
DO PAPA AO MUNDO**

Conversas sinceras
com o Papa Francisco

Conversas coordenadas por
Sibylle de Malet, Pierre Durieux
e Loïc Luisetto



MINOTAURO

Rio de Janeiro, 2025

*A Jean-Claude Nervet,
A Christine Eydaleine,
A Antoine Rowe,
A Thierry Gicquel,
A Patrick Pinault,
A Djamila,
A Henry Fargues,
nossos companheiros de jornada,
que nos deixaram cedo demais,
a quem tanto amamos
e que teriam amado tanto
participar deste diálogo improvável...*

PREFÁCIO

Este é um livro incomum

O leitor tem em mãos um diálogo improvável entre o Papa e os pobres do mundo inteiro.

Desde os primeiros dias de seu pontificado, o Papa declarou seu sonho de construir uma “Igreja pobre para os pobres”. A opção pelo nome Francisco –que ele narra nas páginas a seguir – é um apelo permanente para “não nos esquecermos dos pobres”. Não há melhor maneira de conhecer o coração desse homem, o coração de suas palavras e ações, que ouvi-lo conversar não sobre a pobreza, mas com os mais pobres.

Para quem o conhece e o ama, há aqui a confirmação de que ele é o “papa dos pobres”. Para quem não o conhece, assim como para quem às vezes discorda dele, há aqui uma porta de entrada e uma luz.

A originalidade deste livro vem também dos próprios pobres que o entrevistam. Suas histórias, seu sofrimento e as humilhações que suportam permitem que tenham certa liberdade, certa desinibição. Encontramos nas páginas a seguir perguntas que ninguém jamais ousou fazer a um

papa: seu salário, seus amores, seus defeitos, suas dúvidas, suas ansiedades, seu confessor, sua saúde... A incompreensão dos interlocutores não foi disfarçada ou suavizada, ela comprova a autenticidade desse diálogo.

Oferecemos ao Papa Francisco uma “campanha” para que ele pudesse passar para a próxima pergunta se sentisse necessidade. Foram longas horas de entrevista e a campanha nunca tocou. Tivemos a sensação de que Francisco gostou desse clima de veracidade, talvez bastante raro, porque — como disse em uma de suas respostas — “Ninguém quer brigar com o Papá”!

Francisco, portanto, não recusou nenhuma pergunta. Melhor ainda, quase não corrigiu suas respostas, a não ser quando fez questão de esclarecer alguns pontos, por vezes a nosso pedido.

O papa é conhecido por sua simplicidade e transparência. Fomos testemunhas privilegiadas desse fato. Às vezes ele respondia “sim” ou “não”, sem entrar em maiores detalhes. Outras vezes, desenvolvia longos esclarecimentos, sempre acessíveis e educativos, deixando-se interromper por seus interlocutores e permitindo-lhes digressões ou pedidos de aprofundamento. Todas essas trocas aqui transcritas fazem deste livro um testemunho único em seu gênero, inspirador e verdadeiro.

Do confinamento à implantação

Tudo começou na primavera de 2020, a primavera da Covid-19 e, para os europeus, o primeiro período de confinamento. Deveríamos ir a Roma para comemorar o décimo aniversário da Associação Lazare, instituição que

gerencia alojamentos partilhados de apoio a moradores de rua e jovens trabalhadores. No entanto, a pandemia impossibilitou esse projeto.

Contudo, em nenhum momento o Papa cancelou nossa reunião. O Papa não cancela? Não cancelamos! E como não podíamos ir até lá com cerca de duzentas pessoas, conforme havíamos planejado de início, propusemo-nos a ir encontrá-lo com alguns moradores de rua e organizar uma videoconferência para que todos pudessem participar e se beneficiar de alguma maneira.

No final desse primeiro encontro, extraordinário no sentido pleno da palavra, ocorrido em uma sexta-feira, 29 de maio de 2020, por volta das 12h40, estávamos convencidos de que o diálogo não poderia parar por ali. Essa foi particularmente a opinião de Christian, que, quando a fome chegou, sugeriu ao Papa que continuassem a conversa durante o almoço. Essa refeição não foi possível naquele dia, mas o pedido diz muito sobre a simplicidade de nossas interações. Foi assim que lhe sugerimos continuar essa conversa, abrindo-a aos pobres do mundo inteiro em um novo encontro, e ele aceitou que esse novo diálogo resultasse em um livro.

Pedimos um novo encontro com o sucessor do trono de Pedro, inspirados pelo Fratelli tutti¹: “Gestos físicos, as expressões faciais, o silêncio, a linguagem corporal, até o perfume, o tremor das mãos, o rubor, o suor são necessários, porque tudo isso fala e faz parte da comunicação humana.

1 Carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social, 3 de outubro 2020, https://www.vatican.va/content/francesco/fr/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.

[...] A conexão digital não basta para construir pontes, não basta para unir a humanidade!” (§ 43).

O passo seguinte foi coletar perguntas de pessoas pobres de várias partes o mundo, graças a várias associações de caridade amigas que trabalham nos cinco continentes. Em poucas semanas, mais de mil perguntas chegaram até nós, de crianças das favelas do Brasil, de mulheres das planícies da Índia, de jovens do deserto iraniano, de estadunidenses sem-teto, de prostitutas da Ásia, de famílias malgaxes etc., além de alguns anônimos, de países em que as práticas cristãs representam risco de vida. Dedicamo-nos à leitura, seleção e classificação das perguntas e convidamos pessoas pobres a virem fazer suas próprias perguntas: Ricardo, Philippe, Manoli, Diana, Jesús, Charlotte, Orelino, Alain. Agradecemos aqui a eles: foram os porta-vozes daqueles que nunca têm voz, ao viverem esse diálogo de maneira tão espontânea, livre e muito pessoal. No decorrer do livro, você lerá perguntas de pobres dos quatro cantos do mundo. Todas foram feitas por nossos companheiros de aflição, que algumas vezes se excederam, se inquietaram e contestaram. Feliz confinamento que permitiu essa exposição!

Somos mendigos

Por mais estranho que possa parecer, nas várias horas de entrevista que nos concedeu, em nenhum momento o Papa foi interrompido pelas secretárias ou pelo telefone. Suas palavras e a maneira como ele nos olhava nos passavam a impressão de que éramos as únicas pessoas do mundo naquele momento. Aquele cuja responsabilidade é global esteve presente e disponível, como um avô estaria para os

netos. Essa foi a primeira lição desses encontros: “Vocês não têm tempo. O Papa tem.”

São comuns na mídia as queixas em relação ao Vaticano, e é verdade que nem sempre o Papa Francisco foi gentil com ela. No entanto, temos que reconhecer a hospitalidade das pessoas que nos acolheram na residência Santa Marta. Wi-Fi, extensões, copos de água, refeições, quartos, café... tudo parecia fácil, era como se fôssemos esperados ali, como se fôssemos pessoas importantes, nós, os mais pobres entre os pobres! Um dos secretários do Papa nos disse: “Ele é o seu Papa, gosta das coisas simples! Sejam simples!” Essa foi a segunda lição aprendida em nossos encontros: são as ações que conferem valor às palavras, e o Papa nos acolheu de uma maneira que jamais poderíamos imaginar, da mesma maneira como ele encoraja o mundo a fazer com todos os seres humanos.

Essas são as razões do título deste livro: afinal, as perguntas que ele reúne vieram de pobres de todo o mundo para o Papa e as respostas do Papa são dirigidas ao mundo inteiro!

Devemos agradecer novamente pela confiança e pela oportunidade que nos foi dada.

Éramos como mendigos e foi ele que nos agradeceu. Inclusive, o Papa optou por renunciar a seus direitos autorais, oferecendo-os às associações que ajudaram a coletar as perguntas.

Vimos com tantas perguntas na cabeça e ele as respondeu com o coração. Cada vez que relemos essas interações, vários de nós somos impactados pelas palavras do Evangelho, ditas em seu tempo pelos peregrinos perdidos, no

caminho de Emaús: “Não estava queimando o nosso coração enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?”²

Como dissemos, vocês têm em mãos um diálogo improvável entre o Papa Francisco e os pobres do mundo inteiro. Há nestas linhas, porém, muito mais do que alguns pobres, e muito mais do que o Papa!

Sibylle de Malet

Christian Delouche

Pierre Durieux

Loïc Luisetto

AMOSTRA

² Lucas 24,32. As traduções bíblicas foram extraídas de <https://www.bibliacatolica.com.br/>

“O Papa é um homem como qualquer outro”

Qual é a primeira coisa que o Papa faz ao se levantar? (Bartosz, Cracóvia, Polônia)

Ele acorda, e na primeira meia hora do dia é um verdadeiro zumbi!

Depois a oração, e em alguns dias a missa. Em outros dias, a missa começa mais tarde. Normalmente a missa começa às 4h45, mas às vezes, quando acontece na Basílica de São Pedro, começa mais tarde.

Como é um dia em sua vida? (Kelly Caroline, Salvador da Bahia, Brasil)

Bem, primeiro eu tenho que esclarecer que nenhum dia na vida do Papa é um dia “normal”. Sempre vai aparecer alguma surpresa. Mas a rotina é mais ou menos esta: acordo, rezo, trabalho em várias coisas e, a partir das 9h30, vou da residência de Santa Marta para o palácio do Vaticano, onde fica meu escritório, para o início das audiências.

Volto às 13h, almoço, descanso um pouquinho, e à tarde normalmente assino documentos, tenho novas audiências e rezo um pouco mais. À noite, janto. Quando estou no Vaticano, é um trabalho atrás do outro, mas faço tudo isso em paz. Alguns desses trabalhos são cativantes! Eles me encantam, porque me sinto próximo das pessoas e compartilho um pouco de suas vidas. E isso é bom.

Há dias, porém, em que tenho que sair. Ontem, por exemplo, fui a uma reunião com “escolares”. Outras vezes vou a alguma paróquia ou diocese. Na verdade, varia muito. E não ficamos entediados. Não podemos nos entediar!

Qual é seu livro ou poema favorito? (Wivine, Bruxelas, Bélgica)

Um poema... Sabe, tenho um lado melancólico, e gosto muito de repetir para mim mesmo um poema francês que reflete bem o meu coração quando ele está melancólico. É de Verlaine: “Os soluços graves dos violinos suaves do outono ferem a minh'alma num langor de calma e sono”¹.

Mas um livro? Sei lá, gosto de muitos livros... Gosto dos clássicos. Entre eles, o meu favorito é, com certeza, a *Eneida*. Também li muitos autores modernos. Mas os clássicos me formaram. Há um outro poeta francês de que gosto muito, Baudelaire, e suas *Flores do mal*. Mas existem muitos outros.

Quanto o senhor ganha? Qual é o seu salário? (Chandni, Calcutá, Índia)

Eu não ganho nada. Nada, nada! Eles me alimentam e quando eu preciso de alguma coisa, eu peço. As pessoas

1 Trecho do poema *Chanson d'automne*, de Paul Verlaine. O trecho foi traduzido por Alphonsus Guimarães ainda no século XIX.

sempre dizem sim para mim, na verdade. Ninguém quer brigar com o Papa! Se eu preciso de sapatos, eu peço. É lindo, porque quando você é “protegido” dessa maneira, como é o meu caso, pode ficar com os bolsos vazios. Por outro lado, quem não tem esse privilégio tem que ter sempre algum dinheiro no bolso, porque sua dignidade vai depender disso.

Minha pobreza é fictícia, porque nada me falta. Mas ainda é um pouco absurdo eu ter que pedir. Por mais que isso não seja mendigar, tenho que pedir tudo: “Preciso deste remédio ou de outra coisa”. Isso me torna um pouco menos autossuficiente.

Que tipo de comida o senhor come? (Christian, França)

Até três anos atrás eu comia de tudo. Agora, infelizmente, estou com um problema intestinal grave, diverticulite aguda, e tenho que comer arroz, batata cozida, peixe grelhado ou frango. Simples, simples, simples...

Quantos irmãos e irmãs o senhor tem? (Shalini, Calcutá, Índia)

Éramos cinco, três meninos e duas meninas. Os do meio, dois meninos e uma menina, morreram. Eu sou o mais velho e minha irmã mais nova ainda está viva. Ela nasceu em 1948, tem setenta e três anos; eu, de 1936, oitenta e cinco anos, ou quase.

O senhor tem sobrinhos? (Loïc, França)

Eu tenho dezesseis, eu acho, porque meus irmãos eram muito férteis! O segundo foi casado duas vezes, na primeira vez ele teve quatro filhos, depois se divorciou, casou-se mais uma vez e teve outros quatro. Oito ao todo.

DOS POBRES AO PAPA. DO PAPA AO MUNDO

O senhor tem alguma notícia deles? Fala com eles? (Manoli, Espanha)

Sim, sim! Sempre telefono para minha irmã, aquela que ainda está viva. Ela é a única que me viu como Papa.

Quais são seus momentos favoritos? Aqueles de que o senhor mais gosta, em que relaxa, que vive com paixão? (Serge, Nantes, França)

Para mim, o que me faz bem, me “descontraí” e me acalma é ouvir música. E mais precisamente, Wagner.

O senhor não assiste futebol? (Loïc)

Não. Eu gostava de ir ao estádio, mas ouvir os jogos no rádio ou ver na televisão, não, não gosto disso...

Desculpe, padre, vou ser um pouco indiscreto, mas o senhor já teve alguma namorada? (Armando Huechuraba, Chile)

Claro que sim! Antes de entrar no seminário. Éramos um grupo de jovens que ia dançar todo final de semana.

Papa, qual é o seu modelo de carro favorito? (Agustín, Huechuraba, Chile)

Não sei muito sobre carros. Mas gosto do eu que tenho, um carro utilitário. Esse é o que eu uso!

O senhor ainda dirige? (Loïc)

Não mais. Sofri um acidente... não me aconteceu nada, graças a Deus. Eu dirigi até uma cidade a 250 quilômetros de Buenos Aires, cinco horas de viagem, para uma ordenação sacerdotal. Quando essa ordenação acabou, disse para mim mesmo: “Não vou comer lá porque vai me dar sono”. Então acabei indo embora. Enquanto eu dirigia, começou

a chover e a certa altura o carro derrapou. Eu tinha um pouco mais de cinquenta anos e pensei: “Quando minha licença vencer, não vou renovar”. Parecia que o acidente era um sinal.

O que o senhor faz com os carros que lhe dão? (Christian)

Na verdade, já me deram vários, alguns para minhas viagens oficiais. Acabei vendendo todos. Eu vendo muitos dos presentes que ganho. Deixo passar um tempo e depois vendo e doo o dinheiro para a Capelania Pontifical, onde organizam o apoio para as ações contra a pobreza e a marginalização.

O que o senhor mais admira nas pessoas? (Jéssica, Salvador da Bahia, Brasil)

A simplicidade e a transparência. Que as pessoas se mostrem como são e sejam simples. É assim que eu gostaria de ser, porque às vezes tenho que fazer diplomacia, ou seja, não ser simples. A simplicidade me seduz e quando vejo pessoas simples e transparentes me sinto bem.

Mas, sendo o papa, o senhor consegue se relacionar de maneira simples com as pessoas? Não é difícil? (Loïc)

Ajuda bastante viver nesta residência em Santa Marta. Dois dias depois de minha eleição, fui visitar o apartamento papal. É um exagero! Não é luxuoso, mas é lindo. Aí eu pensei: “Não vou morar aqui sozinho”. A entrada é uma porta, mas o verso dessa porta é um funil. Continuei então a morar aqui. Isso me ajuda muito.

O senhor é um exemplo de simplicidade, da maneira como é. (Loïc)

Não acredite nisso, não acredite! Os pecados escondidos são os piores de todos.

Qual é seu esporte favorito? (John Carlo, Kabatan, Filipinas)

Futebol! Mas eu não jogo. Além disso, quando eu era jovem, sempre me colocavam no gol, porque eu jogava muito mal. Eles falavam que eu tinha dois pés esquerdos e me mandavam direto para o gol.

O que o senhor faz em tempos de incerteza? (Ian, Manila, Filipinas)

Nesses momentos sou tentado a acabar logo com isso. Mas eu paro, ou pelo menos tento parar. Porque às vezes fico preocupado e quero sair dessa. E quando faço isso, as coisas dão errado. Então procuro parar e tirar um tempo para refletir sobre as coisas, para me aconselhar com as pessoas, para rezar, para deixar passar alguns dias e ver no que dá... Ler um documento hoje e voltar a ele novamente no dia seguinte. Devagar. É mais ou menos como as galinhas fazem quando chocam os ovos: elas os viram todos os dias para cuidar deles. Quando tenho incerteza sobre uma decisão que devo tomar, é preciso virar e revirar as coisas até decidir.

Quem é o seu modelo? E que qualidades o senhor vê nessa pessoa? (Um homem pobre, Delhi, Índia)

Ora, tenho muitos modelos... Pessoas que são coerentes naquilo que pensam, que sentem e que fazem. Pessoas que fazem o que dizem. Tenho dificuldade com a “diplomacia”. A palavra vem do grego *diplo* ou *duplos*, que significa “duplo”. A pessoa que tem um coração diplomático tem, de